

# O enigma da existência: leitura de “Relógio do Rosário”, de Carlos Drummond de Andrade

*Maria Márcia Matos Pinto*  
Universidade de São Paulo

**O**s poemas filosóficos que Drummond reuniu sob o título de *Claro Enigma* (1951) certamente revelam uma trajetória e uma busca. As seis partes do livro são como uma *via crucis* que atravessa diversos planos da existência humana – o amor, a memória, o tempo, o mundo do sonho e do cotidiano – para chegar à resposta de um enigma. E qual seria este enigma? A própria existência humana, o valor do ser no mundo.

Nesse percurso, a última parte é assaz reveladora. Tendo por subtítulo “A Máquina do Mundo”, o que nos remete a um momento de descoberta – a descoberta do funcionamento do universo e a visão do futuro da nação portuguesa, concedidos como prêmio a Vasco da Gama, na grande epopéia camoniana –, ela apresenta um eu-lírico que parece chegar ao termo de sua trajetória tentando dar a resposta ao enigma que permeou toda a sua caminhada, descrita nos demais poemas do livro, mas tornada mais evidente nos dois últimos. No primeiro deles, também intitulado “A Máquina do Mundo”, o eu-lírico aparece vagando por “uma estrada de Minas pedregosa”. A certa altura ele tem a visão da máquina do mundo, que, ao contrário do que acontece no episódio camoniano, não lhe serve de resposta para suas dúvidas existenciais. Ela não lhe traz alento para sua angústia, e ele continua a vagar “de mãos pensas”, ou seja, sem maiores esperanças. No segundo e último poema, “Relógio do Rosário”, ele continua a sua saga, mas agora pelo interior dos seres, tentando desvendar os princípios da existência, que vão se conformando diante das seguintes dualidades: o eu e a humanidade, a dor e o amor, a vida e a morte, o tudo e o nada, o ser e o não-ser.

Eis o poema:

### Relógio do Rosário

Era tão claro o dia, mas a treva,  
do som baixando, em seu baixar me leva

pelo âmago de tudo, e no mais fundo  
decifro o choro pânico do mundo,

que se entrelaça no meu próprio choro,  
e compomos os dois um vasto coro.

Oh dor individual, afrodisíaco  
selo gravado em plano dionisíaco,

a desdobrar-se, tal um fogo incerto,  
em qualquer um mostrando o ser deserto,

dor primeira e geral, esparramada,  
nutrindo-se do sal do próprio nada,

convertendo-se, turva e minuciosa,  
em mil pequena dor, qual mais raivosa,

prelibando o momento bom de doer,  
a invocá-lo, se custa a aparecer,

dor de tudo e de todos, dor sem nome,  
ativa mesmo se a memória some,

dor do rei e da roca, dor da cousa  
indistinta e universal, onde repousa

tão habitual e rica de pungência  
como um fruto maduro, uma vivência,

dor dos bichos, oclusa nos focinhos,  
nas caudas titilantes, nos arminhos,

dor do espaço e do caos e das esferas,  
do tempo que há de vir, das velhas eras!

Não é pois todo amor alvo divino,  
e mais aguda seta que o destino?

Não é motor de tudo e nossa única  
fonte de luz, na luz de sua túnica?

O amor elide a face... Ele murmura  
algo que foge, e é brisa e fala impura.

O amor não nos explica. E nada basta,  
nada é de natureza assim tão casta

que não macule ou perca sua essência  
ao contato furioso da existência.

Nem existir é mais que um exercício  
de pesquisar de vida um vago indício,

a provar a nós mesmos que, vivendo,  
estamos para doer, estamos doendo.

Mas, na dourada praça do Rosário,  
foi-se, no som, a sombra. O columbário

já cinza se concentra, pó de tumbas,  
já se permite azul, risco de pombas.

Como afirma José Guilherme Merquior a respeito de poemas dos livros *Claro Enigma, Fazendeiro do Ar* (1953) e *A Vida Passada a Limpo* (1959), que ele classifica como do terceiro período do estilo drummondiano, “a cena cotidiana é apenas um pretexto para as questões de ordem filosófica”.<sup>1</sup> É o que parece ocorrer nesse poema. O título nos remete a uma praça de cidade do interior onde se sobressai a torre de uma igreja com seu relógio, servindo de referência não só espacial como temporal. Logo nos primeiros versos, o eu-lírico se identifica numa trajetória, que lembra a da *Divina Comédia* – “mas a treva, do som baixando, em seu baixar me leva” – após situar-se temporalmente – num dia claro. A treva, associada ao som, provavelmente as badaladas do relógio, são o móvel de uma caminhada – a caminhada existencial do eu, que se inicia marcada pela escuridão, pela negatividade.

Mas, antes de discorrermos sobre o conteúdo dos demais versos, tratemos primeiro da forma, que reflete exatamente a condição dual da existência, revelada em “Relógio do Rosário”. Os versos estão arranjados em 22 dísticos rimados. Essa repetição do número 2 enfatiza a dualidade em que se apóia a reflexão desenvolvida no poema. A maioria dos versos

---

<sup>1</sup> MERQUIOR, 1976. p. 129.

constitui-se de decassílabos heróicos, mas há também sáficos, os heróicos refletindo exatamente o caráter épico da trajetória do ser, e os sáficos revelando a importância do amor nessa trajetória. Com relação às rimas, é importante destacar que há um jogo de sons vocálicos abertos e fechados ao longo de todo o poema, e não só nas rimas. No interior dos versos os sons vocálicos abertos opõem-se aos fechados, num movimento constante que remete à oposição claro/escuro do primeiro verso. Já no título isso fica evidente: aos sons abertos encontrados nas posições tônicas de “relógio” e “rosário” antepõem-se os sons de /e/ e /o/ fechados. Assim, as marcas de duplicidade vão cercando o poema desde a forma, se estendendo ao conteúdo, como veremos.

Apesar de o poema estar estruturado em dísticos, estes não têm exatamente um caráter proverbial, pois a constância dos *enjambements* torna “Relógio do Rosário” mais uma discussão de idéias em busca de uma resposta para a condição do ser do que um conjunto de máximas. De fato, eles são mais um reflexo da dualidade trazida no poema, sendo que os *enjambements* criam dentro do texto um processo sinuoso no qual forma e conteúdo se integram para mostrar um eu ligado à humanidade e a tudo que compõe o universo.

Como apontamos no início de nossa análise, logo no primeiro verso, sobressai-se a oposição claro/treva. Enquanto o dia é claro, a treva parece fazer parte da condição do eu-lírico, e é o que o move ao seu trajeto. Esse trajeto “pelo âmago de tudo” tem o sentido de buscar uma resposta entranhada no “mais fundo” das coisas. A palavra usada então é decifrar, ou seja, este é o ponto em que finalmente o eu-lírico consegue decifrar o “choro pânico do mundo”, o enigma que o atormenta, o “claro enigma” que o poeta usou para intitular o livro. Interessantes são as qualificações desse choro – pânico do mundo –, mostrando que ele não é o reflexo de uma simples emoção, mas que se trata de algo grandioso que aterroriza os seres em geral.

Nos dois dísticos seguintes, ocorre a integração do eu com o mundo. O choro individual se entrelaça ao choro coletivo, formando “um vasto coro”. Nesse ponto, percebe-se que os dois pólos da existência – o eu e o outro – se diluem num todo maior que é a verdadeira condição do ser no mundo. Fecha-se aí uma primeira reflexão e, nos versos logo a seguir, o choro será substituído pela dor, que será então perscrutada em todos os seus níveis.

O primeiro nível é o da dor individual, havendo novamente aí uma integração entre o eu e o mundo. Essa dor é um “afrodisíaco selo gravado

em plano dionisíaco”, ou seja, ela está ligada a Eros. É uma pulsão de vida em que a sexualidade individual – afrodisíaca – é uma das marcas da sexualidade coletiva – dionisíaca. Essa pulsão, que é “tal um fogo incerto” – a vida –, acaba por revelar o “ser deserto”, o não-ser, a outra face do ser. Esse jogo entre ser e não-ser continua no dístico seguinte, no qual há uma outra caracterização da dor. Nesse outro nível, trata-se da “dor primeira e geral”, a dor do parto, do nascer, do passar a ser no mundo. Como diz o eu-lírico, essa dor alimenta-se do “sal do próprio nada”, isto é, o ser é fruto do não-ser, o princípio do tudo é o nada.

É importante observar que essa dor primordial não está somente ligada ao homem, mas ao surgimento do universo como um todo. Nessa cosmogonia, o homem se une a todas as coisas existentes, já que tudo se origina de uma mesma dor primordial. Após esse início, que é geral, há como que uma explosão que transforma a dor em mil partículas, convertendo-a em “mil pequena dor”, e não em pequenas dores, no plural. Isso mostra que, apesar da divisão, ela tem um caráter primeiro que não se altera nos seres individuais que ocupam o universo. Nesse momento, a dor se intensifica, “qual mais raivosa”, tornando-se uma necessidade existencial, “prelibando o momento bom de doer,/ a invocá-lo, se custa a aparecer”. Assim, ela cria o seu próprio momento se ele não surge espontaneamente.

Nos próximos dois dísticos, outros níveis da dor são contemplados. A ela são atribuídos os epítetos “de tudo e de todos”, “sem nome” e “ativa mesmo se a memória some”, que ampliam seu caráter abrangente e generalizador. Ela está em toda parte, em todas as coisas, em todas as pessoas, indistintamente, e, além disso, ela independe da memória, ou seja, está presente mesmo quando não é lembrada.

No décimo dístico, a dor se reveste de um aspecto sociológico. A discussão, que até esse ponto havia considerado o surgimento do universo e da vida, nesse instante, passa também a incluir, no seu âmbito, a questão das relações humanas. A dor agora é a “do rei e da roca”, dois termos que metonimicamente designam os comandantes e os comandados, as classes altas e as classes baixas, os patrões e os trabalhadores. À palavra rei, designação de pessoa, junta-se a palavra roca, que designa um artefato de produção, um objeto que guarda conotações de vida e morte se lembrarmos a imagem mitológica das Parcas tecendo, dobando e cortando o fio da vida. Além da aliteração que aproxima os dois vocábulos, estes novos epítetos da dor voltam a reforçar o fato de ela estar presente em todo e qualquer ser, seja ele das classes mais baixas ou mais altas, seja ele

humano ou não. Através da dor, todos os seres existentes se equiparam, pois a carregam igualmente. A sua presença em todas as coisas do universo torna-a plena “como um fruto maduro”, e ela passa a ser “uma vivência”, a ser indispensável à existência dos seres.

Já que a dor é parte indistinta de tudo o que existe no universo, os animais não poderiam deixar de ser mencionados. Eles também têm a sua dor, que está “oclusa nos focinhos”, onde se localiza seu sentido mais aguçado, “nas caudas titilantes”, sinal de vida neles, e “nos arminhos”, seres mais raros no mundo animal.

Do nível dos animais o eu-lírico sobe ao nível do espaço e do tempo. A dor antecede qualquer tipo de existência – dor “do caos” – mas continua presente após a formação do universo – dor “das esferas” –, além de pertencer a todos os tempos, os que foram e os que virão. Nesse ponto, fecha-se a discussão sobre a dor, abrindo-se nos dísticos seguintes uma outra questão, a do amor.

Antes, contudo, de analisarmos a visão do amor nesse poema, há outros significados da dor que merecem ser considerados. Por que justamente ela seria o princípio fundamental de tudo o que há no universo? Por que um fato que tem uma conotação tão negativa seria visto como o móvel da existência? Já Fernando Pessoa, no seu belíssimo poema “Autopsicografia”, havia colocado a dor como objeto da criação artística, dando também a ela um cunho universal na sua ligação com a arte.

#### Autopsicografia

O poeta é um fingidor.  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente.

E os que lêem o que escreve,  
Na dor lida sentem bem,  
Não as duas que ele teve,  
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda  
Gira, a entreter a razão,  
Esse comboio de corda  
*Que se chama o coração.*<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> PESSOA, 1992. p. 164-165.

O que o poema pessoano nos leva a perceber é que a opção pela dor parece fazer parte de um modo de ver a criação em que o sofrimento e a angústia são a base da relação do homem com o mundo. A partir do momento em que foi declarada a morte de Deus, o homem viu os fundamentos de sua existência abalados, o que o lançou numa busca constante por respostas para as dúvidas existenciais que o atormentam. Assim, a dor, que incomoda o homem tanto física como espiritualmente, é a melhor designação, no mundo moderno, para o conjunto de sensações e sentimentos que leva o ser humano a querer decifrar os enigmas da sua existência, pois o não saber causa angústia, dói.

Considerando, então, o amor – que se associa com a dor já pelo aspecto sonoro – a discussão começa por uma pergunta, “Não é pois todo amor alvo divino,/ e mais aguda seta que o destino?” Na verdade, aqui a grande questão é se o amor não seria uma força superior mesmo ao destino, contrariando o que pensavam os antigos gregos, que julgavam o destino acima de qualquer outra força existente, superior aos próprios deuses do Olimpo. Para o eu-lírico, Eros parece se sobrepôr a qualquer outra força, sendo vida – “motor de tudo” – e conhecimento, conhecimento este que só se revela no âmbito do próprio amor – “Não é motor de tudo e nossa única/ fonte de luz, na luz de sua túnica?”. Porém, Eros, ou amor, é indefinível, inidentificável, incompreensível, além de ser contraditório em si mesmo. Como a dor, ele é o tudo e o nada, sendo também “brisa e fala impura” e “de natureza assim tão casta”, mas que perde “sua essência/ ao contato furioso da existência”. Com isso, o amor, mesmo carregado de dúvidas e contradições, mesmo descaracterizando-se diante da existência, ainda é um impulso fundamental da vida e importante fonte de conhecimento do eu. Como afirma José Guilherme Merquior: “Poeticamente, o amor drummondiano é um eros *psychopompos*: guia o poeta para as camadas profundas da experiência humana, para a interrogação incessante dos paradoxos existenciais”.<sup>3</sup>

Terminada a discussão sobre o amor, o eu-lírico vai chegando ao termo de sua trajetória tentando decifrar de fato o “claro enigma”. Sua conclusão é a de que o drama da existência parece se definir por uma busca incessante de “um vago indício”, que venha a mostrar que “vivendo,/ estamos para doer, estamos doendo”. Desse modo, parece que toda a

---

<sup>3</sup> MERQUIOR, 1976, p. 159.

discussão levada a cabo nos vinte dísticos se encerra cercada de pessimismo, pois a dor é que se mostra como o móvel da existência dos seres.

Cabe aqui retomarmos um ponto mencionado no início deste texto, pelo qual denominamos a caminhada realizada em *Claro Enigma* de *via crucis*, equiparando-a assim à de Cristo e sugerindo, por esse meio, a presença da questão religiosa no livro. Em “Relógio do Rosário”, o próprio título nos remete à religiosidade, que surge da imagem da igreja. As badaladas do relógio dão ao eu-lírico a consciência do templo, que domina a praça, uma consciência opressiva, revelada pelo uso das palavras “treva” e “sombra”. A opressão também se faz presente ao longo da trajetória a que ele se entrega, pela dificuldade, pela angústia e pela descoberta da dor como marca indelével dos seres. O que se percebe então é que o eu-lírico está impregnado do pensamento cristão ao ver a vida como dor, pois o sofrimento é valor fundamental do cristianismo. Isso não implica, todavia, que haja nele fé religiosa. Esses elementos religiosos que acabamos de mencionar apenas dão conta de um dado cultural ligado aos princípios judaico-cristãos, que marcam profundamente o modo de ser do homem ocidental.

Voltando à questão do pessimismo que envolve o final da discussão sobre a dor, ele acaba sendo de certa forma amenizado, quando consideramos os dois dísticos que encerram o poema, dísticos bastante ambíguos por sinal, pois estão cercados pelas dualidades positivo/negativo, vida/morte, deixando uma sombra/enigma ou uma esperança no ar.

Após seu trajeto pelo “âmago de tudo”, o eu-lírico retorna à praça do Rosário que, então, lhe parece dourada. A sombra/enigma, ou treva, que o havia lançado à viagem, “foi-se, no som”, como se as badaladas do relógio, que o levaram ao interior do ser, também o tivessem trazido de volta. Entretanto, resta mais um enigma que se delineia na parte relativa ao columbário, um espaço tanto de morte (local para guardar restos funerários) como de vida (pombal). Há aí um jogo em que a cor cinza, mais sombria, parece ser superada pelo azul, mais cheio de vitalidade, apontando para um desejo de que a vida se sobreponha à morte. No entanto, o uso do “já se permite” deixa algo de incerto no ar, incerteza esta também presente na única rima imperfeita do poema, tumbas/pombas. Assim, ao que parece, o verdadeiro objetivo da caminhada existencial do eu é a superação da morte, Eros tentando vencer Tântatos, a verdadeira luta do ser desde que inicia sua existência no mundo.

Ao fim da análise de “Relógio do Rosário”, o que se deduz é que estamos diante de um eu-lírico caracteristicamente moderno, um ser

angustiado, que vaga por espaços exteriores e interiores, numa busca incessante de sentido para sua existência, uma existência temporalmente marcada (o relógio surge como objeto de controle das ações humanas). No poema, o existir está calcado em dois fundamentos – a dor e o amor – ambos impulsos da vida, estímulos à criação, fontes de conhecimento. Dor e amor se fundem no eu-lírico, do mesmo modo que este se funde com os demais seres do universo. Há, assim, uma identificação entre o eu e o outro a partir do reconhecimento de que estão marcados pela mesma dor existencial. Portanto, as dualidades que cercam o poema mostram uma necessidade de encontrar-se no outro, pois só através da descoberta da essência que une todos os seres é que o homem poderá superar a maior de suas dores – a certeza da morte.

## **Referências Bibliográficas**

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Obra Completa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1967.
- MERQUIOR, José Guilherme. *Verso Universo em Drummond*. Trad. Marly de Oliveira. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.

## Resumo

Em “Relógio do Rosário”, último poema de *Claro Enigma*, e o segundo da parte intitulada “A Máquina do Mundo”, Drummond delinea a trajetória de um eu que busca desvendar o enigma da existência. Nessa caminhada, realizada pelo interior do ser, as dualidades existenciais – o eu e a humanidade, a vida e a morte, o tudo e o nada, o ser e o não-ser – vão surgindo, levando-o a descobrir que a dor e o amor são os dois elementos que integram os seres do universo, e que o sentido da trajetória humana é sempre o da tentativa de superação da morte.

## Abstract

In “Relógio do Rosário”, last poem of *Claro Enigma*, and the second one of the part entitled “A Máquina do Mundo”, Drummond depicts the path of an I who is trying to decipher the existence enigma. In this path, carried out through the inner side of the beings, the existential dualities – the I and humanity, life and death, everything and nothing, being and not being – arise, leading the I to find out that pain and love are the two elements that join beings in universe, and that the meaning of the human path is always an attempt to overcome death.